



A ATUAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: possibilidades fora do contexto escolar

OLIVEIRA, R. A. N.²; FARIAS, D. L. ³; MOREIRA, L. S⁴.

¹Resumo de Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Educação Física do Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA

²Bacharel em Educação Física pelo Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA. E-mail: rods.gods@gmail.com

³Doutorando em Desenvolvimento Regional. Mestre em Educação Física. Graduado em Educação Física. Professor do curso de Educação Física do Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA. E-mail: darlan.farias@ceulp.edu.br

⁴Mestra em Desenvolvimento Regional. Especialista em Saúde Pública e em Análise Comportamental Clínica. Graduada em Psicologia. Professora do curso de Psicologia no Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA. E-mail: lauriane@ceulp.edu.br

RESUMO: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) compõe as chamadas neurodiversidades, caracterizado por dificuldades na comunicação social e comportamentos repetitivos ou estereotipados. A Educação Física, a partir do atendimento aos chamados grupos especiais, pode auxiliar no cuidado de pessoas com TEA, de modo a propor exercícios físicos que contribuam para o seu desenvolvimento motor e a inclusão social. Esta pesquisa teve como objetivo identificar as principais práticas desenvolvidas por profissionais de Educação Física com pessoas TEA no Brasil, fora do ambiente escolar. Para alcançar tal objetivo, a metodologia foi bibliográfica, do tipo revisão narrativa, qualitativa e exploratória. Foram buscados estudos nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* e Google Acadêmico, entre abril e maio de 2021, que envolvessem a atuação da Educação Física com TEA, a partir da definição de critérios de inclusão e exclusão. Foram selecionados 11 estudos, sendo identificados quatro tipos de atividades desenvolvidas: aquáticas, lúdico-recreativas, rítmicas e teste.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno do Espectro Autista; Educação Física; Grupos Especiais.

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) compõe as chamadas neurodiversidades, caracterizado por dificuldades na comunicação social e comportamentos repetitivos ou estereotipados, de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-V (APA, 2014). A Educação Física tem papel importante no tratamento do TEA, pois o profissional possui as condições técnicas necessárias para elaborar programas de atividades físicas, cujo objetivo é permitir maior independência das pessoas com esse transtorno, através da realização de exercícios que visam melhorar a habilidade motora e, em consequência, proporcionar interação social e melhor qualidade de vida (TOMÉ, 2007). Considerando esse contexto, o objetivo do estudo é apontar as principais práticas desenvolvidas por profissionais de Educação Física para pessoas com TEA no Brasil, fora do ambiente escolar, de modo a identificar aquelas que estejam trazendo melhores resultados, conforme os estudos consultados.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa teve caráter bibliográfico, de revisão narrativa de literatura, com objetivo metodológico exploratório. A primeira etapa foi a busca e identificação de estudos na literatura, ocorrida entre abril e maio de 2021, usando as bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Google Acadêmico, a partir dos descritores “educação física”, “desenvolvimento motor”, “movimento”, “motricidade”, “exercício físico”, “atividade física”, “autismo”, “transtorno do espectro autista”. Os critérios de inclusão: estudos que abordassem a

temática em questão, educação física e TEA; estudos publicados entre 2010 e 2020; estudos realizados em cenário nacional; estudos publicados em português; estudos que se referissem à pesquisas aplicadas em campo; estudos disponíveis integralmente em meio *online*. Os critérios de exclusão foram: estudos que abordassem o âmbito escolar; estudos que apresentassem práticas de outras áreas. A coleta de dados foi encerrada quando os resultados foram se tornando similares (mesmo quando de estudos de autores diferentes), pois a intenção foi verificar o “estado da arte” e não fazer revisão sistemática.

A base de dados Google Acadêmico trouxe 11 (onze) resultados, sendo um número maior de estudos do que a base SciELO, pois esta apresentou os mesmos 8 (oito) estudos independente dos descritores utilizados, e aplicando os critérios de seleção, não restou nenhum para analisar. Seguindo a linha da análise de conteúdo, proposta por Bardin (1977 apud CAREGNATO; MUTTI, 2006), os dados foram codificados e, então, realizada a categorização, que agrupou os estudos em quatro grandes temas, conforme as atividades desenvolvidas, quais sejam: aquáticas, lúdico-recreativas, rítmicas e teste. Foi apresentado o que a Educação Física tem trabalhado em relação às pessoas com TEA, sendo este o desfecho primário da pesquisa, o que foi discutido e analisado à luz de referencial teórico apropriado, conforme as categorias identificadas. Como desfecho secundário, deu-se maior visibilidade às práticas da Educação Física com grupos especiais, especialmente o TEA, mas fora do contexto escolar, o que parece ser uma atuação menos óbvia, por isso um *gap* a ser minorado pelo estudo em questão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atuação do profissional de Educação Física junto às pessoas com TEA, fora do contexto escolar, a partir dos estudos incluídos nesta pesquisa, identificou como principal população-alvo crianças e adolescentes, havendo apenas um estudo com adulto (OLIVEIRA, 2017). Predominaram estudos desenvolvidos na região Sudeste e Sul, exceto o de Pereira e Freitas (2017), realizado em Mato Grosso do Sul. Há destaque para práticas aquáticas e recreativas, sendo os estudos divulgados, em maioria, através de revistas científicas, exceto o de Oliveira (2017), que se trata de uma monografia. Outra característica que esta pesquisa revelou é que as instituições que intervêm junto a essa população são, principalmente, instituições de ensino superior, a partir de projetos de extensão e pesquisa, e também associações voltadas para pessoas com algum tipo de deficiência.

A categoria com estudos realizados com pessoas com TEA em ambiente aquático foi a única que apresentou um estudo com adulto (OLIVEIRA, 2017). Destaca-se que a prática de natação teve como foco não só a aprendizagem de habilidades aquáticas, mas também reconhecimento de emoções (LÔ; GOERL, 2010), a mediação e o planejamento das aulas conforme perfil da pessoa com TEA (CHICON; SÁ; FONTES, 2014; OLIVEIRA, 2017), interação social (CHICON; SÁ; FONTES, 2014; PEREIRA et al, 2019) e estímulo à autonomia e saída do sedentarismo, este bastante comum em pessoas com TEA (SANTOS et al, 2020).

As atividades lúdico-recreativas também foram bastante exploradas nos estudos selecionados. A utilização de situações de brincadeira e jogo estimulam o desenvolvimento intra/interpessoal, a linguagem, a apreensão de aspectos da cultura e a apresentação de iniciativa (FALKENBACH; DIESEL; OLIVEIRA, 2010; SÁ; SIQUARA; CHICON, 2015). A psicomotricidade, bastante importante de ser estimulada em casos de TEA, conforme o estudo de Melo et al (2010), também pode ser desenvolvida por meio de atividades lúdico-recreativas. Santos et al (2012) reforçam a importância da postura de persistência dos profissionais de Educação Física ao lidar com essa população.

Apenas um estudo (KRÜGER et al, 2018) trouxe atividades rítmicas como estratégia de intervenção junto a pessoas com TEA. A prática, desenvolvida com 9 (nove) crianças, resultou em melhora nas habilidades motoras. No entanto, sobre interação social, não houve ganhos significantes.

Outra vertente possível de atuação da Educação Física se refere a realização de testes. No estudo de Pereira e Freitas (2017) foi utilizada parte da bateria de testes do Projeto Esporte Brasil (PROESP-BR), que foi aplicada com 6 (seis) pessoas, de idade entre 8 (oito) e 13 (treze) anos, resultando que todos pesquisados apresentaram desempenho “fraco”, mas justificável em relação a características das pessoas com TEA. No entanto, esta pesquisa aponta os aspectos que

precisam ser estimulados nessas crianças, auxiliando o profissional a planejar as atividades.

As atividades aquáticas figuraram como protagonistas das intervenções realizadas, pois, de acordo com revisão feita por Silva et al (2018), autistas apreciam o contexto aquático e apresentam ganhos em relação às habilidades de nado e orientação na água, além de brincadeiras nesse ambiente, também melhorias de condicionamento tanto físico quanto motor, diminuição de comportamentos estereotipados e também mais interação social. Werle (2017), ao discutir sobre natação para bebês e pessoas com deficiência, incentiva que a água seja morna, pois promove relaxamento da musculatura e facilita a execução dos movimentos. A publicação de Farias (1988), apesar da data e de não ser voltada especificamente para o público alvo do presente estudo, é bastante útil para lidar com TEA, pois traz diversas ilustrações sobre atividades aquáticas, sendo esse recurso visual um facilitador da comunicação entre o profissional de Educação Física e a pessoa com TEA.

O número de estudos publicados sobre práticas de Educação Física voltadas para o TEA fora do contexto escolar é, como demonstrado, bastante reduzido, e quando categorizamos por faixa etária, é notória a carência de atuações voltadas para os adultos. Adultos e idosos apresentam as características de TEA manifestadas ainda na infância, uma vez que, conforme Ortega (2009), considerando as neurodiversidades, se trata de uma condição e não de uma doença a ser curada. Ou seja, há ainda esse campo de intervenção para a população adulta com TEA que a Educação Física pode enveredar.

Sobre as atividades lúdico-recreativas, desenvolvê-las com pessoas com TEA traz vários ganhos, conforme apresentado nos resultados. Autores como Machado e Nunes (2011) têm defendido tais práticas para a população em geral, pois ajudam a formar conceitos e ideias, na integração à sociedade, a compreender regras e limites e, também, a desenvolver a psicomotricidade. Os autores destacam que a psicomotricidade, além de educar o movimento, “envolve as funções da inteligência. Portanto, o intelecto se constrói a partir do exercício físico, que tem uma importância fundamental no desenvolvimento não só do corpo, mas também da mente e da emotividade. Sem o suporte psicomotor, o pensamento não poderá ter acesso aos símbolos e à abstração.” (p. 26). Tais elementos propiciados por atividades de psicomotricidade são bastante importantes em casos de TEA.

Como visto, apenas um dos estudos focou em atividades rítmicas (KRÜGER et al, 2018), com resultados positivos em relação ao desenvolvimento motor, mas não em socialização. Neste caso, sendo o objetivo estritamente o aspecto motor, dança é uma opção interessante, mas pouco resultando em melhorias em interação social.

Outro estudo aplicou teste de velocidade de deslocamento e força explosiva dos membros inferiores (PEREIRA; FREITAS, 2017), a partir do PROESP-BR, importante instrumento que constrói indicadores de crescimento e desenvolvimento corporal, motor e nutricional de crianças e adolescentes. Aplicar testes dessa bateria na população com TEA é bastante interessante, pois fornece uma linha de base para o profissional realizar o planejamento de atividades físicas conforme as necessidades identificadas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Física tem tentado ampliar sua atuação no âmbito das pessoas com deficiência e, a partir da Educação Física Adaptada (EFA), pode desenvolver programas de intervenção para pessoas com deficiência, explorando diversos campos de atuação, como o das neurodiversidades. No caso do TEA, ficou destacada a predominância de atividades aquáticas e lúdico-recreativas. Chama a atenção o fato de que, mesmo havendo a partir do Ministério da Saúde Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (BRASIL, 2014) e uma linha de cuidado específica para o tratamento do TEA na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) (BRASIL, 2015), nenhum dos estudos ocorreu no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). A saúde pública é um contexto em que o profissional de Educação Física pode atuar, em serviços como os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), como parte da equipe multidisciplinar.

De modo semelhante, na esfera privada também não foi identificado nenhum estudo, ficando as intervenções a cargo de instituições de ensino superior, provavelmente vinculadas a projetos cuja condicionalidade de participação envolvesse a publicação de resultados em meios

científicos, como projetos de extensão e pesquisa. Também houve algumas associações filantrópicas nas quais as intervenções foram feitas, mas todas de iniciativa também de universidades. O âmbito acadêmico tem, aos poucos, adentrado o contexto das pessoas com TEA, a partir da Educação Física, mas o mercado de trabalho, tanto público quanto privado, ainda requer ser explorado. Esse cenário também aponta para a necessidade de ampliação das discussões acerca dos campos de atuação profissional desde a graduação.

REFERÊNCIAS:

- AMORIM, L. C. D. **Tratamento**. Associação de Amigos de Autista. 2020. Disponível em: <<https://www.ama.org.br/site/autismo/tratamento/>>. Acesso em: 20 de outubro de 2020.
- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais - DSM-V**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 86 p.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada e Temática. **Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Especializada e Temática. – Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 156 p.
- CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2006 Out-Dez; n.15, v.4, p. 679-684.
- CHICON, J. F.; SÁ, M. das G. C. S.; FONTES, A. S. Natação, Ludicidade e Mediação na Aula a Inclusão da Criança Autista. **Revista da Sobama**, Marília, v. 15, n. 1, p. 15-20, Jan./Jun., 2014). <https://doi.org/10.36311/2674-8681.2014.v15n1.3797>.
- FALKENBACH, A. P.; DIESEL, D.; OLIVEIRA, L. C. O jogo da criança autista nas sessões de psicomotricidade relacional. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 2, p. 203-214, janeiro 2010. <http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/RBCE/article/view/706/411>.
- FARIAS, S. F. **Natação: ensine a nadar**. 2ª edição. Florianópolis: Hd da UFSC, 1988. 49 p. (Série Didática).
- KRÜGER, G. R. et al. O efeito de um programa de atividades rítmicas na interação social e na coordenação motora em crianças com transtorno do espectro autista. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, 2018;23:e0046. <https://doi.org/10.12820/Rbafs.23e0046>.
- LÔ, E. N; GOERL, D. B. Representação emocional de crianças autistas frente a um programa de intervenção motora aquática. **Revista Da Graduação**, v. 3, n. 2, 17 nov. 2010. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/view/7902>.
- MACHADO, J. R. M.; NUNES, M; V. S. **100 jogos psicomotores: uma prática relacional na escola**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011. 164 p.: 21cm.
- OLIVEIRA, E. A. O. **Intercorrências em aulas de natação para um indivíduo com transtorno do Espectro Autista**. 2017. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Educação Física. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos, Departamento de Educação Física, Florianópolis/SC, 2017.
- ORTEGA, F. Deficiência, autismo e neurodiversidade. **Ciência saúde coletiva** 14 (1), fevereiro 2009. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000100012>.
- PAIVA JUNIOR, F. **Quantos autistas há no Brasil?**. Canal Autista, 2019. Disponível em: <<https://www.canalautismo.com.br/noticia/quantos-autistas-ha-no-brasil/>>. Acesso em: 02, abril de 2021.
- PEREIRA, F. S.; FREITAS, J. F. F. de. Análise do desempenho motor esportivo de crianças e adolescentes com transtorno do Espectro Autista. **Horizontes – Revista de Educação**, Dourados, MS, v.5, n.9, janeiro a junho 2017. <https://doi.org/10.30612/hre.v5i9.7644>.
- PEREIRA, T. L. P. et al. Avaliação das variáveis comportamentais e habilidades aquáticas de autistas participantes de um programa de natação. **Conexões: Educação. Física, Esporte e**

Saúde, Campinas: SP, v. 17, e019037, p. 1-15, 2019. <https://doi.org/10.20396/conex.v17i0.8652396>.

SÁ, M. das G. S. de; SIQUARA, Z O.; CHICON, J. F. Representação simbólica e linguagem de uma criança com autismo no ato de brincar. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v. 37, n 4, outubro–dezembro 2015, p. 355-361. <http://dx.doi.org/10.1016/j.rbce.2015.08.004>.

SANTOS, E. O. et al. Análise das mediações ocorridas a partir da aplicação de um programa de atividades psicomotoras de caráter lúdico-recreativo em crianças autistas. **Colloquium Humanarum**, vol. 9, n. Especial, julho–dezembro, 2012. <http://www.unoeste.br/site/enepe/2012/suplementos/area/Humanarum/Ci%C3%A4ncias%20Humanas/Educa%C3%A7%C3%A3o/AN%C3%81LISE%20DAS%20ATIVIDADES%20PSICOMOTORAS%20DE%20CAR%C3%81TER%20L%C3%9ADIC%20RECREATIVAS%20APLICADAS%20EM%20CRIAN%C3%87AS%20COM%20AUTISMO.pdf>.

SANTOS, M. K. F. dos et al. O benefício da natação no tratamento de crianças diagnosticadas com TEA: um relato de experiência do trabalho realizado no instituto espaço e vida no município de Vitoria De Santo Antão - PE. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 6, p.35738-35748, jun. 2020. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n6-203>.

SERRÃO, M; BALEIRO, M. C. **Aprendendo a ser e a conviver**. São Paulo, FTD, 1999.

SILVA, D. R.; FERREIRA, J. S. Intervenções na educação física em crianças com síndrome de Down. **Revista da Educação Física** 2001;12(1):69-76.

SILVA, S. G. da et al. Os benefícios da atividade física para as pessoas com autismo. **Revista Diálogos em Saúde**, Cabedelo, v. 1, n 1, janeiro–junho 2018, p. 127-145. <http://dx.doi.org/10.1016/j.rbce.2015.08.004>.

TOMÉ, M. C. Educação Física como auxiliar no desenvolvimento cognitivo e corporal de autistas. **Revista Movimento e Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, v. 8, n. 11, jul/dez, p. 231-248, 200.

WERLE, E. **Metodologia do ensino da natação**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2017. 184 p.
